



NÃO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3723 — BISSAU

MENSAGEM DE LUIZ CABRAL A AGOSTINHO NETO

O camarada Vasco Cabral, membro do C. E. L. do Partido e Comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação, que deixou Bissau na passada terça-feira, encontra-se em Luanda, donde seguirá depois para a capital portuguesa. Foi portador de uma mensagem do Presidente Luiz Cabral para o seu camarada, amigo e companheiro de luta Presidente Agostinho Neto, da República Popular de Angola.

Embora o teor da mensagem não tenha sido revelado, o camarada Vasco Cabral salientou que ela se refere «às relações fraternais existentes entre o PAIGC e o MPLA e entre os Governos do nosso país e da R.P.A.». — (VER CENTRAIS, DECLARAÇÕES DE VASCO CABRAL)



O camarada Presidente Luiz Cabral com o general Costa Gomes, Presidente da República Portuguesa, durante um breve encontro efectuado recentemente, no aeroporto de Lisboa

VÃO RECOMEÇAR AS CONVERSÇÕES COM PORTUGAL

Vão reiniciar-se as negociações entre os Governos do nosso país e de Portugal, foi agora anunciado em Bissau. Com efeito, parte amanhã para Lisboa uma delegação governamental guineense, formada pelos camaradas José Araújo, membro do C.E.L. e Comissário Sem Pasta, Victor Freire Monteiro, Governador do Banco Nacional, e Alfredo Fortes, director-geral das Alfândegas. Na capital portuguesa, juntar-se-á o camarada Vasco Cabral, membro do C.E.L. e comissário do Desenvolvimento Económico e Planificação, que dirige a delegação.

em Lisboa. Recentemente, durante uma breve escala técnica na capital portuguesa, quando regressava da Suécia e Jugoslávia, o Presidente Luiz Cabral teve um encontro com o Presidente Costa Gomes, tendo a questão das relações entre os dois países sido o tema central das conversações entre os dois chefes de estado.

COOPERAÇÃO COM O BRASIL

Encontra-se de visita ao nosso País, desde anteontem, uma delegação governamental brasileira, constituída por representantes dos ministérios da Agricultura, Educação, Saúde e Comunicações, que vem «explorar as vias para a cooperação» entre a Guiné-Bissau e o Brasil. É dirigida pelo embaixador Ipalo Zappa. A vinda desta delegação até nós encontra-se na sequência da recente deslocação ao Brasil de uma representação do nosso Governo, dirigida pelo camarada José Araújo, membro do CEL do Partido e comissário Sem Pasta.

«Estou convencido que esta última fase das negociações será, efectivamente, coroada de êxito», declarou ao «Nô Pintcha» o camarada Vasco Cabral, quando deixou a nossa capital, na passada terça-feira. «Esperamos assinar vários acordos de cooperação com Portugal, o que irá abrir novas perspectivas às relações entre os nossos dois países, as quais até aqui não tem sido más, mas podiam ser melhores», sublinhou ainda.

As novas negociações com o Governo português seguem-se a prolongadas conversações entre representantes dos dois países, tidas desde a independência completa da nossa terra, tanto em Bissau como

(VER PÁGINA 2)

(VER PÁG.º 7)

ÁFRICA DO SUL RACISTAS REPRIMEM BRUTALMENTE — 23 MORTOS E 220 FERIDOS

Pelo menos 23 pessoas morreram e mais de 220 ficaram feridas, em consequência de choques ocorridos ontem, durante várias horas, entre estudantes africanos e a Polícia racista, no bairro «para negros» de Soweto, na cidade de Joanesburgo. Os incidentes, que tiveram início de manhã, prolongaram-se pela noite fora.

Naquilo que já é considerado como o maior massacre cometido pelos racistas sul-africanos depois de Sharpeville, foram utili-

zadas, pela primeira vez unidades especiais da polícia «anti-terrorismo urbano», equipada com fatos especiais e metralhadoras. Helicópteros lançaram granadas de gás lacrimogénio e cães-polícias foram largados contra os manifestantes. Sabe-se que alguns dos mortos são polícias.

Entretanto, centenas de estudantes brancos da universidade de Witswatersrand, bastião da oposição estudantil ao regime racista, manifestaram-se ontem nas ruas de Joanesburgo, em apoio aos seus camaradas de Soweto.

A situação em Soweto era tensa desde há alguns dias, onde a população africana estava cada vez revoltada contra a criminosa política de «apartheid» dos racistas. A revolta aberta iniciou-se ontem, quando o governo de Pretória tentou forçar que, nas escolas «para negros», o ensino fosse parcialmente feito em língua «afrikander».

Noticiam as agências internacionais que a polícia mandou evacuar ontem à noite «todo o pessoal branco, mestiço e indiano» que trabalha na municipalidade do bairro de Soweto. Todas as escolas da área foram encerradas.

JULGAMENTO EM LUANDA

Mercenários cometeram massacres e tinham relações com a CIA

LUANDA — Após a audição dos treze mercenários britânicos e americanos, capturados pelas FAPLA em Angola, o Tribunal Popular Revolucionário está a ouvir as declarações das testemunhas de acusação. Em princípios de Janeiro deste ano, de acordo com os testemunhos, alguns dos mercenários teriam cometido massacres próximo de São Salvador, no norte de Angola, matando dezenas de civis.

Por outro lado, na audiência de ontem, um comandante das FAPLA, depondo perante o Tribunal, declarou que um dos réus, por ele capturado, havia confessado na altura «ter sido recrutado pela CIA americana, que o contactou no seu país».

(VER PÁG. 8)

Revisão das taxas telefónicas

Foi discutida a revisão das taxas dos telefones em vigor no País, durante a reunião do Conselho dos Comissários realizada ontem, sob a presidência do camarada Presidente Luiz Cabral.

Entre outros assuntos abordados, o Conselho ouviu o relatório do Comissário dos Negócios Estrangeiros, sobre a sua recente visita à Turquia, onde assistiu à Conferência Islâmica, e ao Senegal, a convite do seu homólogo senegalês.

Delegação da JAAC em Cuba

A convite da organização da Juventude cubana, seguiu anteontem para a Havana uma delegação da J.A.A.C. (Juventude Africana Amílcar Cabral), dirigida pelo camarada Chico Bá, membro do C.E.L. do Partido e recentemente nomeado secretário-geral da nossa organização juvenil.

«Esperamos trocar impressões com a Juventude cubana, dada a sua grande experiência no campo organizacional e estamos confiantes de obter resultados positivos», declarou o camarada Chico Bá à partida.

Durante duas semanas, a nossa delegação visitará Cuba, e deverão ser debatidas questões relacionadas com a preparação do próximo Festival da Juventude e dos Estudantes de Havana, em 1978.

Juntamente com o camarada Chico Bá, integram a delegação da J.A.A.C. o director do departamento dos Assuntos Culturais do comissariado da Juventude e Desportos, José Carlos Schwartz, e o director do Internato «Máximo Gorki» de C6, Jorge Ampa.

Explorar as vias para a cooperação

- Objectivos de uma missão brasileira

«Pensamos que poderemos transmitir parte da experiência adquirida em século e meio de independência, às nações irmãs do continente africano e, em especial, àquelas de língua portuguesa», declarou à chegada a Bissau, anteontem, o chefe da delegação governamental brasileira que visita o nosso país.

Falando aos órgãos de informação, o embaixador Hipalo Zapa esclareceu que o objectivo desta missão técnica é o de explorar as vias para a cooperação entre dois países que têm inúmeras afinidades e um alto grau de identidade, porque têm traços comuns na sua formação, a começar pela língua. A delegação que dirige é constituída por representantes dos ministérios da Agricultura, Educação, Saúde e Comunicações, «sectores básicos para a tentativa que vamos encetar, de uma colaboração entre a Guiné-Bissau e o Brasil».

A visita que agora efectua a missão brasileira segue-se a uma outra realizada por uma delegação governamental guineense de alto nível, ao Brasil, em Março passado, dirigida pelo camarada José Araújo, membro do CEL e Comissário Sem Pasta. Depois do nosso

país, a comissão brasileira deslocar-se-á a Cabo Verde.

«Não sendo uma nação altamente desenvolvida, o Brasil mostrou hoje ao mundo que também nos trópicos se pode desenvolver a civilização, que se pode enfrentar um desafio do desenvolvimento», sublinhou o embaixador Hipalo Zapa, manifestando optimismo quanto à concretização das possibilidades de cooperação entre os nossos dois países.

Instituto Afro-Americano

Para contactos com o comissariado de Educação Nacional e Cultura, encontra-se em Bissau o vice-presidente do Instituto Afro-Americano, sr. Carrington Walter. Tratará de problemas relacionados com bolsas de estudo concedidas por aquela organização para países africanos de expressão inglesa e francesa.

Igualmente para contactar com o sr. Walter, encontra-se na nossa capital o chefe do departamento de Bolsas de Estudo da República irmã de Cabo Verde, camarada Ester Sequeira.

Conferência sobre «Habitat»

«Foi uma conferência bastante interessante, porque nela foram tratados problemas ligados à habitação e ao meio ambiente no seu contexto geral, uma questão que está associada aos problemas políticos e económicos. Também tivemos contactos com várias delegações, sobretudo dos países amigos, contactos esses que foram bastante frutíferos».

Foram estas as palavras do camarada Juvêncio Gomes, Presidente da Câmara Municipal de Bissau, à sua chegada de Vancouver, capital da Colúmbia britânica, à frente de uma delegação que representou o nosso país na Conferência das Nações Unidas sobre o «Habitat», inaugurada naquela capital, no passado dia 1 do corrente, pelo primeiro-ministro canadiano, Pierre Trudeau e pelo secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, estando a ela presentes 400 delegados representantes de 130 países e movimentos de libertação.

Para aquela reunião, onde foram discutidos problemas relacionados com o meio ambiente e as condições de vida dos agregados humanos, criaram-se três comissões com os encargos de, respectivamente, decidir as questões dos princípios gerais a serem adoptados, a questão de cooperação internacional e, finalmente, questões técnicas.

A nossa delegação que, devido a certo atraso verificado no percurso apenas chegou a 4 não teve a possibilidade de participar na fase inicial dos trabalhos, que consistia precisamente na abertura solene da conferência e na criação de comissões encarregadas de discutir e encontrar soluções que tinham que ser propostas ao plenário da conferência. Não participou igualmente em nenhuma das comissões, mas conseguiu integrar-se nos assuntos concretos dos debates. Nas duas primeiras comissões, houve discussões bastante activas e chegou-se à conclusão que o assunto seria posto a votação no plenário para a adopção das resoluções finais.

REGRESSOU FIDÉLIS D'ALMADA

Regressou anteontem a Bissau o camarada Fidélis de Almada, membro do Conselho Superior da Luta do Partido e Comissário de Estado da Justiça. Participou, em S. Tomé, na reunião ministerial dos países africanos de expressão portuguesa, tendo posteriormente assistido, em Luanda, ao início do julgamento dos mercenários capturados pelas FAPLA.

RESPONDE O POVO

CONCORDA COM AS MEDIDAS TOMADAS SOBRE ENGRAXADORES E VENDEDORES?

Numa recente reunião da Câmara Municipal de Bissau foram tomadas várias medidas tendentes a disciplinar a actividade de vendedores ambulantes, engraxadores e oficinas improvisadas.

Dadas as implicações duma resolução deste teor, quer na vida das pessoas que se dedicavam a estas actividades, quer no aspecto da cidade, decidimos auscultar a opinião pública sobre o assunto.

FLORINDA SANÓ

(Estudante)

«Estou plenamente de acordo com esta decisão da Câmara Municipal de Bissau, porque, os engraxadores são crianças muito novas que devem ser aproveitadas nas escolas. Elas são os continuadores da nossa revolução mas, se continuarem a não pensar nos estudos e sim em dinheiro, nada serão na vida.

No que respeita a vendedores ambulantes, a minha opinião é que não devem acabar com eles de repente, mas sim arranjar condições de vida para essas pessoas que andam nas ruas a vender mancarra ou semente de cajú porque, muitas vezes nessas vendas é que elas encontram o almoço ou o jantar para o dia seguinte».

ZÉ C6

(Ex-Militar)

«Talvez seja um pouco injusto acabar assim de repente com os vendedores ambulantes na nossa terra porque neste momento sabemos que há muita falta de emprego e nem toda a gente tem condições de vida se não for para o «beco» arranjar dinheiro. Se houver trabalho para toda a gente, essa actividade acaba por si só. A Câmara autoriza a venda de bolos e doces mas, se não for bem fiscalizada, qualquer dia está na mesma. Os indivíduos que os vendem apresentam-se sujos e às vezes nem dá gosto comprar um bolo ou um doce.

Sobre as oficinas improvisadas estou totalmente de acordo. Quando uma pessoa

quer arranjar o seu carro que vá às oficinas e não fazer das ruas as suas oficinas porque as nossas estradas são estreitas e isso dificulta o trânsito».

ANTÓNIO DA COSTA (Soldador)

«Acho bastante bem essa decisão da Câmara porque essas crianças que andam a engraxar nas ruas, na maioria nem sabem escrever os seus nomes e devem ser obrigadas a ir para as escolas. Com os mais velhos é diferente. A criação de engraxadorias em diversas localidades vai permitir-lhes emprego.

Sobre as oficinas improvisadas, nós queremos construir uma cidade limpa, mas vemos que essas pessoas, quando fazem o seu trabalho, não limpam o local, deixando esse trabalho à Câmara Municipal. Acho justo que lhes seja atribuída uma multa».

NO PINTCHA

Órgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo Trissemanário Nacional de Informação.

Sai às Terças, Quintas e Sábados.

Preço: 2,50

Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3728

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400,00

6 meses 250,00

Outros Países Africanos,

e Portugal

1 ano 500,00

6 meses 300,00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «MODERNA» Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

AMANHÃ — «CENTRAL» Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2888/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG_B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSIONES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

A 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA

Às 18,45 horas.

CINEMA

Hoje — Às 18,30 horas «UM A UM SEM PIEDADE» m/14 anos e às 20,45 horas «ACONTECEU A NOITE PASSADA» m/18 anos. Amanhã Às 20,45 horas «ACONTECEU A NOITE PASSADA» m/18 anos.

Ministro da Justiça esclarece a lei de família

"Questão de divórcio, um problema angustiante da justiça"

Sobre a lei do casamento e divórcio aprovada, recentemente, pelo Conselho de ministros da República irmã de Cabo Verde, publicamos hoje uma entrevista com o ministro da Justiça do

país irmão, camarada David Hopfer Almada, onde são esclarecidos os principais pontos nela contidos.

Sobre o termo «união» empregado no Artigo 1.º para definir o casamento diferentemente da lei vigente, que a considera um contrato, disse o camarada ministro da Justiça:

«Esta diferença não é apenas formal, mas também de fundo. Enquanto no sistema de outros países, o casamento é considerado como um contrato, isto é, um mero negócio entre duas pessoas, nós, dentro da nossa perspectiva política, consideramos que o casamento é uma união entre duas pessoas para o estabelecimento de uma vida comum, e só nessa base a compreendemos».

Quanto à disposição da idade mínima de 18 anos para o casamento, o camarada Hopfer Almada explicou a como o desejo de fazer do casamento uma união voluntária de duas pessoas, mas com toda a responsabilidade, pelo que se exige que os nubentes tenham já uma certa experiência da vida e um mínimo de condições para o sustento da sua casa. Lembrou, no entanto, que a lei prevê que, em casos excepcionais, os tribunais podem autorizar o casamento de pessoas com menos de 18 anos, citando como exemplo, o caso de uma menina que engravidou antes de ter a idade mínima exigida, pelo que poderia ter graves consequências para ela, a família e o filho, se não fosse autorizado o casamento.

A respeito da legalização da «união de facto», afirmou que «é uma inovação que corresponde à nossa realidade social», acrescentando: «Sabemos de variados casos de homens e mulheres que vivem como se fossem casados, só não o sendo porque a lei diz que não são casados. Nós sabemos que devemos ter em conta essa situação porque é uma realidade da nossa terra, e a nossa lei tem de conjugar os nossos princípios e as nossas realidades».

Citou o caso de mulheres que, a determinada altura, são abandonadas pelos homens com quem viveram em comum durante muitos anos, ficando numa situação difícil e com consequências graves para os filhos, frisando que a «união de facto» vem resolver problemas desse género.

Explicou que as duas pessoas podem, de comum acordo, pedir que o tribunal reconheça a sua união, mas, igualmente, se uma delas provocar a separação, a outra que não tem culpa da separação pode dirigir-se ao tribunal para exigir todos os seus direitos, e o tribunal decide como se fossem casados.

Salientou, no entanto, que a Lei não tem a intenção de promover ou incentivar a «união de facto» ou de acabar com o casamento. É por isso que o reconhecimento da «união de facto» deve obedecer a certos requisitos, como sejam: estabilidade da união; seriedade, isto é, têm de viver como se fossem marido e mulher; singularidade, o que quer dizer, que só é reconhecida a união de um homem que tenha uma só mulher e vice-versa; capacidade para o casamento.

Quanto ao regime de bens do casal, o camarada ministro disse que a lei só admite o regime de comunhão de bens adquiridos depois do casamento, e a título oneroso são comuns aos cônjuges. Os bens trazidos por um deles para o casamento ou que lhe sejam dados, pertencem só a ele, portanto, só os bens que são fruto do trabalho dos dois cônjuges, depois do casamento, pertencem a ambos.

O camarada Hopfer de Almada frisou a importância do Artigo da lei que dispõe que os cônjuges têm o dever de contribuir para a manutenção do lar, em função dos respectivos rendimentos, o que o obriga a que o cônjuge que ganhe mais contribua também com mais dinheiro para a casa.

O camarada ministro analisou em seguida as principais inovações introduzidas pela lei na questão do divórcio, que considerou «um problema angustiante da justiça».

O divórcio é perante a lei civil de todas as pessoas casadas, independentemente de estarem casadas por qualquer religião. Evidenciou que o divórcio só se verifica perante a lei civil, pois perante a sua religião, as duas pessoas ficam ainda vinculadas. A esse respeito disse nomeadamente: «Portanto, nós regulamos o divórcio civilmente. A nível religioso, cada religião regula as relações entre os seus fiéis».

A possibilidade de requerimento de divórcio é só depois de um ano da data de casamento ou de reconhecimento da união, exigindo-se, contudo, que os cônjuges tenham completado 21 anos.

A conversão automática em divórcio das separações judiciais já declaradas por sentença judicial, desde que as partes não requeram a anulação da sentença e separação no prazo de 60 dias da data de entrada em vigor da lei. Portanto, as pessoas já declaradas como separadas judicialmente, têm esse prazo para decidirem se ficam divorciadas ou passam a viver como casadas, já que a lei não prevê a separação judicial.



Amílcar Cabral

Boas relações com Portugal numa base de independência

«Podemos perguntar o seguinte: mas nós temos de facto algum interesse em guardar as possibilidades de ter boas relações com o povo de Portugal? Não será porque Cabral, que era casado com uma portuguesa, e bebeu o seu bom vinho em Portugal, que gosta do seu bacalhau com azeite e vinagre, quer pôr-nos no caminho de relações com Portugal quando afinal podemos relacionar-nos só com outros países no mundo? Não, camaradas. Duma análise séria da nossa história, da nossa economia e da nossa cultura, chegámos à conclusão de que é muito importante para o nosso povo na Guiné e em Cabo Verde, ter relações íntimas com o povo de Portugal, amanhã, na independência, no respeito mútuo e na igualdade de vantagens.

Em primeiro lugar, vocês vêm-me aqui a falar crioulo, que é quase português, camaradas. Em segundo lugar, aqueles que estão nesta sala, que sabem ler e escrever, é só em português que o sabem a sério, a não ser um ou outro que estudou um bocadinho de inglês, talvez até, já depois da nossa luta, ou francês. Mas a língua que aqueles que sabem ler e escrever, sabem de verdade, é o português. Mas não são só estes que estão aqui sentados, são todos os filhos da nossa terra, que sabem ler e escrever. São poucos, mas é muito para uma terra que não tem muita gente com muita instrução. Portanto, não podemos nem devemos abandonar o português, salvo se nos obrigarem a isso.

Em toda a nossa cultura escrita, em toda a nossa administração escrita, nos primeiros tempos da nossa vida e durante muito tempo, tem que ser o português. Mas vejamos, nós queremos, por exemplo, um médico, que seja bom médico, estrangeiro, ao qual queremos pagar bem, para ajudar-nos a avançar com a nossa saúde, na nossa terra. Suponhamos que é um grande amigo nosso, um russo, um grande amigo, um chinês, ou mesmo um grande amigo nosso, um cubano, ou então um progressista, anti-imperialista francês, ou de outra terra qualquer. O primeiro problema que se põe, é o problema da língua, mesmo quando esse médico é um cubano que fala espanhol. Isso em medicina, quanto mais agora noutras coisas. Porque em medicina, o médico manda tirar a língua de fora, e vê muita coisa, apalpa o corpo e vê muita coisa, sem falar muito. Mas noutra trabalho técnico, científico, etc., é preciso conhecer a língua bastante bem. Ora se for um técnico português, não há problema, nem para os nossos técnicos, nem para outras pessoas que possam estar metidas neste trabalho. Vêm portanto, que é importante.

Mas há mais. Nós estamos habituados a um ciclo económico, a um dado tipo de mercadorias, que temos recebido de Portugal e que temos exportado para Portugal. E nós temos interesse em desenvolver isso, numa base já, não de relações coloniais, mas de relações de igualdade. Outro caso: nós começámos nas nossas escolas a ensinar português, embora avançássemos com o crioulo, mas a língua fundamental da nossa escola é o português. Um aluno nosso que fez o 7.º ano, não terá logo possibilidades de fazer estudos superiores na nossa terra, porque logo de entrada, pôr uma Universidade na nossa terra é coisa difícil.

Ora nós podemos mandar o aluno ir estudar em Portugal, na igualdade, não como metrópole, mas como Portugal, não como terra dos nossos patrões, mas como terra dos nossos amigos, dos nossos iguais. Claro que é mais fácil para quem saiu do liceu com o 7.º ano, sabendo português, estudar em Portugal, do que estudar, seja na França, seja na Inglaterra, seja na Rússia, seja noutra terra qualquer, porque não há problema de língua.

Cabo Verde-Argélia Silvino da Luz recebido por Boumediene

ARGEL (AFP) — O Presidente da Argélia, Houari Boumediene, recebeu em audiência na terça-feira, Silvino Manuel da Luz, ministro da Defesa e Segurança da República de Cabo Verde, que entregou ao Chefe de Estado argelino uma mensagem do Presidente Aristides Pereira.

Antes de seguir para Argel, o camarada Silvino da Luz fez uma breve escala em Lisboa, onde prestou declarações à imprensa portuguesa. Transcrevemos a seguir a notícia publicada pelo jornal português «Diário de Notícias»:

«O ministro da Defesa e Segurança Nacional de Cabo Verde, comandante Silvino da Luz que esteve em Lisboa, a caminho de Argel, definiu as relações entre o seu país e Portugal, «como boas e muito correctas».

Depois de acentuar que «tudo o que há de especial a assinalar, neste momento, é apenas o desejo do povo caboverdiano de que as relações com Portugal se intensifiquem o mais possível», o comandante Silvino da Luz, acrescentou:

«Portugal tem os seus problemas, nós temos os nossos, mas a verdade é que temos sempre encontrado a melhor forma de solucionar todas as questões bilaterais».

O comandante Silvino da Luz, que viajava acompanhado do dr. Pires Ferreira, chefe de gabinete do seu Ministério, e de José Manuel Cruz, secretário da Embaixada em Portugal, deslocou-se a Argel para «entregar ao Presidente Boumediene, uma mensagem pessoal do Presidente da República e Secretário-Geral do PAIGC, Aristides Pereira».

Embora não fornecesse pormenores sobre o teor da mensagem, o ministro frisou que a sua deslocação a Argel «se inscreve no quadro das relações da fraternidade e de amizade que unem os dois Governos e os dois povos».

VASCO CABRAL PARTICIPOU NO ESTRANGEIRO EM REUNIÕES DE CARÁCTER ECONÓMICO

● **OBTIDO O FINANCIAMENTO DA AUTO-ESTRADA ENTRE BISSAU E O AEROPORTO**



«Esta missão da qual acabo de regressar efectivamente foi duradoura, porque abarcou diversas actividades, embora mais ou menos relacionadas entre si, pois tratava-se essencialmente de missões, com ligação estreita com a economia e particularmente com o desenvolvimento económico e a planificação», afirmou ao «Nô Pintcha» o camarada Vasco Cabral, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e Comissário de Estado de Desenvolvimento Económico e Planificação, que regressou recentemente ao país depois de ter representado o nosso Partido e Estado em várias reuniões internacionais.

Em Paris, participou na cimeira Franco-Africana; em Grenoble, esteve num seminário sobre problemas referentes ao desenvolvimento económico em África; em Nairobi, no Quênia, participou na 4.ª Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (CNUCED); em Karthoum, na República de Sudão, contactou com o presidente Ahari, do Banco Árabe para o Desenvolvimento Económico Africano; e em Addis-Abeba, esteve presente na reunião do Comité Executivo da Comissão Económica para a África das Nações Unidas.

EM PARIS

A convite do presidente da República Francesa, o nosso país tomou parte na 3.ª Conferência Franco-Africana, que teve lugar em Paris nos dias 10 e 11 de Maio. Nela participaram cerca de 16 chefes de Estado dos países da língua francesa. Foi presidida pelo presidente da República da França, Valéry Giscard d'Estaing.

«Nós participámos nesta conferência (embora não sejamos francófonos, pois a nossa língua oficial não é o francês) devido às nossas boas relações com estes povos», disse o camarada Vasco Cabral.

Foi criado um Fundo de Solidariedade Africana, destinado a facilitar o desenvolvimento eco-

nómico dos países africanos, através da contribuição em projectos de investimento. Entrará em vigor em Janeiro do próximo ano.

«O Presidente francês disse que a África devia ser deixada aos africanos o que é bastante positivo», sublinhou o camarada Vasco Cabral.

A próxima reunião, a realizar em Dakar em 1977, verá o seu âmbito alargado. Além da Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, as Comores e as Pechelles, que participarão de novo como observadores, estarão também presentes, igualmente com o estatuto de observadores, delegações de Moçambique e Angola.

Falando do significado da nossa participação nesta conferência, o camarada Vasco Cabral salientou que ela é justa, pois contribuirá para reforçar, no futuro, as boas relações que temos com os países francófonos.

Da nossa delegação, que teve uma intervenção em nome das outras ex-colónias portuguesas, fazia parte também o camarada Júlio Semedo, embaixador da Guiné-Bissau em Portugal.

NA CNUCED

Depois da França, o camarada Vasco Cabral deslocou-se a Nairobi, para chefiar a nossa delegação à 4.ª Conferência da CNUCED, que teve lugar nessa capital de 3 a 31 de Maio.

«Esta Conferência foi uma das mais importantes que se realizou este ano sobre a economia mundial», salientou o camarada Vasco Cabral. A reunião foi apenas um primeiro triunfo nas tentativas para forçar os países industrializados a aceitarem um programa para a reforma dos mercados mundiais.

O camarada Comissário afirmou que «esta conferência, apesar de ter começado com muitas dificuldades, deu passos importantes, devido à situação económica e política internacional, que evoluiu. Assim, certas ideias deram raízes e entraram nas mentalidades de vários governos e Estados. Por outro lado verificou-se uma maior firmeza de posições, que é consequência da maior experiência, por parte dos países subdesenvolvidos».

A Conferência terminou deixando o caminho aberto para um programa de negociações entre os países ricos e os países pobres, sobre matérias-primas, destinado a produzir acordos de vasto alcance com preços justos e permitindo a estabilidade do mercado. A próxima reunião será convocada antes de Março de

1977 para debater o estabelecimento de um fundo de 5000 milhões de dólares, que se destinará ao financiamento da estabilização de preços de dez artigos básicos.

A nossa delegação incluía também o camarada Telmo Sousa Mendes, director dos Serviços de Estatísticas do Comissariado de Estado de Desenvolvimento Económico e Planificação.

NO SUDÃO

Após a Conferência de Nairobi, o camarada Vasco Cabral seguiu para Karthoum, capital da República Sudanesa, onde se encontrou com o Presidente Ahari, do Banco Árabe para o Desenvolvimento Económico Africano, com quem discutiu o financiamento de alguns projectos de desenvolvimento, na nossa terra.

Ficou decidido que o Banco Árabe enviará em Julho ou Agosto ao nosso país uma equipa que discutirá com o nosso Governo a maneira de pôr os projectos em execução e de efectuar o estudo económico da sua viabilidade.

De Karthoum, o camarada Vasco Cabral seguiu para Addis-Abeba, a fim de participar na reunião ministerial do Comité Executivo da Comissão Económica para a África das Nações Unidas, sobre uma assistência técnica e financeira que podia eventualmente ser dada por esta Comissão.

«O Comité tinha-nos enviado um convite para tomar parte nessa reunião, embora não façamos parte do seu Comité Executivo», disse o camarada Vasco Cabral.

A base principal desta reunião consistiu em elaborar um plano a médio prazo para os anos de 1976/81. Foram discutidos problemas ligados com a agricultura, planificação, formação de cooperação e integração económica, desenvolvimento industrial, comércio internacional, população, política ligada à assistência económica financeira, estatística, transportes e comunicações, administração da gestão das empresas públicas, turismo, etc.

«Fizemos várias intervenções que foram muito apreciadas, o que nos poderá levar a participar na próxima reunião», disse a concluir, o camarada Vasco Cabral.



Vai ser reestruturada para servir o nos

A Companhia Industrial de Cervejas e Refrigerantes S.A.R.L. (CÍCER) a única fábrica que os colonialistas construíram na nossa terra para abastecer o seu exército e para explorar o nosso povo, enfrenta desde o 25 de Abril graves problemas de vária ordem.

A CÍCER enfrenta todos esses problemas devido à nossa difícil situação económica e ao baixo mercado de consumo, que diminuiu com a partida da tropa colonial. Está a produzir 12,5 por cento da sua capacidade de produção e encontra-se bastante endividada com a Banca Portuguesa, designadamente com o Banco Nacional Ultramarino.

Mas, neste momento o nosso Governo está empenhado em reestruturar essa empresa, de forma a pô-la ao serviço do nosso povo e a fazê-la contribuir para o desenvolvimento da nossa economia nacional, através de exportação de cervejas e refrigerantes.

Para melhor esclarecer os camaradas leitores sobre os principais problemas da empresa CÍCER, «NÔ PINTCHA» falou com o camarada João Cardoso, delegado do Governo, que também ocupa o cargo de director-geral da fábrica.

A quem pertence actualmente a fábrica de cerveja «CÍCER»?

A «CÍCER», está numa fase de transição. Neste momento, a totalidade do capital é português. Existe um certo número de empresas que lhe são associadas: a Sociedade Central de Cervejas, que nesta altura está nacionalizada, a «CUC», de Angola, que também está nacionalizada, e a CUF Portuense, igualmente nacionalizada. Portanto, esta empresa está numa situação muito particular. Estava prevista uma subscrição pública na Guiné, que não se chegou a realizar, e, portanto, neste momento, efectivamente, não existe capital nacional nesta empresa. Mas, apesar disso, ela tem um delegado do Governo da Guiné-Bissau. Isso resultou de um pedido que a própria Administração de Lisboa apresentou, porque tinha muitos problemas com a gestão do pessoal depois de 25 de Abril. Isso permitiu abrir as portas para uma colaboração em todos os aspectos.

Está em vias de formação uma sociedade de economia mista. Mas ainda está para decidir qual é o capital social que a fábrica vai passar a ter e portanto qual

é a participação do nosso Governo, que, em princípio, deve ter a maioria. Mas, como digo, este assunto ainda está em estudo, não havendo ainda nenhuma decisão oficial sobre este assunto.

É claro que esta situação vai-se reflectir exactamente nas condições de exploração da fábrica, que enfrenta bastantes problemas. A situação económica é altamente deficitária. No ano de arranque, em 1974, pois a fábrica arrancou um mês antes de 25 de Abril, a produção foi estimada à volta de 1 milhão de litros de cerveja por mês. Portanto, a fábrica foi concedida para 15 milhões de litros de cerveja por ano.

O mercado era bastante grande, porque estavam aqui as tropas portuguesas. Mas, à medida que a tropa foi saindo, a produção foi baixando, porque o mercado do consumo era diminuto e nessa altura então ainda não se fazia exportação, que permitisse equilibrar o mercado de venda. Em todo o ano de 1974 a produção foi baixando, até que chegou ao limite mínimo no mês de Fevereiro de 1975, em que a fábrica passou a produzir 12,5



Utilizando as garrafas estas deviam ser devolvidas, o que numa situação de guerra como então se vivia era absolutamente impossível de garantir. Por isso, optou-se pela utilização do vasilhame lata, que não era sujeito a devolução. E isso também ia ao encontro dos interesses de Portugal, porque a fábrica de lata estava lá, e era uma maneira de fazer negócio. Era uma transferência de divisas para Portugal, onde aliás estava a contabilidade central da fábrica, assim, como o Conselho de Administração, apesar de a fábrica se situar aqui na Guiné.

DA LATA À GARRAFA

Depois de uma análise da situação e porque já tínhamos ultrapassado a fase da guerra, vivemos em tempo de paz, fez-se o estudo para a substituição da lata por garrafa retornável, o que não só iria diminuir o custo

tava mais ou menos encaminhado, porque há um empréstimo da Caixa do Crédito. Mas, dadas as nossas relações com Portugal, a situação foi-se arrastando, até que chegámos a este impasse. Mas, dentro de pouco tempo, o problema vai ser resolvido.

Portanto, neste contexto, com uma produção muitíssimo baixa, com um «deficit» previsto para o ano de 1975, da ordem de 25 mil contos, acrescido do «deficit» do ano anterior, de nove mil contos, e com a utilização das latas que realmente não podemos aguentar, tentou incrementar-se a venda de cerveja em barris. Ao princípio não foi possível, porque, enquanto havia latas, até por uma questão de hábito as pessoas não estavam acostumadas, de maneira que a cerveja não tinha venda. Mas, como deixou de fazer-se a importação normal de latas, o público foi-se acostumando. E, neste momento, se mais barris hou-

mas também por decisão própria, uma vez que isso era absolutamente inoportuno. Gastar dois mil e quinhentos contos por mês em latas que depois se deitam fora era atirar dinheiro à rua.

EXPORTAÇÃO

Quais são actualmente as possibilidades de exportar a nossa cerveja?

Enquanto a situação interna não se estabilizar, apesar de sabermos que já existe um acordo assinado com a Gâmbia, e apesar dos contactos bastantes estreitos com Cabo Verde no sentido de enviarmos para lá os nossos produtos, não podemos realmente encarar o problema de exportação. Primeiro, temos que estabilizar a nossa situação interna, com a utilização das garrafas, aumentar a produção, resolver os problemas desta fábrica, que não tem pessoal de

acordo que já temos assinado com a Gâmbia. Portanto, a fábrica tem perspectivas de melhoramento.

Por que motivo a cerveja em barris só se vende em certas terras do nosso país?

Nós vendemos a cerveja em barris no Gabú, Bafatá, Cantchungo e Safim. Mas a venda de cervejas em barris tem os seus problemas. Primeiro, os barris que existiam eram muito pouco. Tínhamos apenas seis postos de venda, e agora já vão em 40. Por isso, tentou-se encomendar à volta de 500, para vermos se conseguimos estender a venda. Mas isso ainda põe outro problema: a cerveja em barris, é uma cerveja para o consumo imediato, portanto não sofre tratamento que permita dar mais tempo de vida, como acontece na cerveja em lata, ou em garrafa, que pode durar de cinco a seis meses, sem se alterar. No caso da cerveja em barril, que é uma cerveja para consumo imediato, exige-se um certo tratamento especial, à base de gelo. Fundamentalmente, tem que estar a uma temperatura relativamente baixa para poder manter a sua qualidade. Isso não acontece, infelizmente em todos os cantos da nossa terra, pois há cidades que não dispõem de fábrica de gelo. Aí não podemos vender cerveja em barril, pois não satisfaríamos o público fornecendo-lhe um produto completamente alterado. Outro problema é a falta de locais para montar os aparelhos de tiragem da cerveja.

Para mais tarde, estamos a contar com a utilização de latas que sejam fabricadas na Guiné ou importadas em condições completamente diferentes. Até porque há países que só importam cerveja embalada em latas e não em garrafas.

Como pode a fábrica funcionar em boas condições encontrando-se a sua direcção em Portugal?

Esse é outro problema que tivemos de enfrentar. Um dos primeiros pontos que debatemos com Portugal foi a transferência da direcção de Lisboa para Bissau. O assunto já está praticamente resolvido e contamos que as próximas reuniões da administração (e creio que até a próxima Assembleia Geral) se realizarão aqui em Bissau. É importante que a contabilidade esteja nas nossas mãos, para sabermos das receitas e despesas e, enfim, como é que as coisas estão a correr. Como se sabe, dantes não tínhamos acesso a esses dados. Mas estou convencido que até ao fim deste ano o problema estará completamente resolvido ou em vias de o ser.

Adida a fábrica de cervejas "CICER" ao serviço público e permitir a exportação

por cento da sua capacidade de produção, o que é já muitíssimo baixo.

SITUAÇÃO DEFICITÁRIA

Em que situação económica e técnica se encontra neste momento a fábrica?

A fábrica está completamente endividada não só à banca portuguesa como ao Banco Nacional Ultramarino, devido a um empréstimo a longo prazo de 50 mil contos. No aspecto técnico existem alguns problemas, como a falta de peças sobressalentes. Esses problemas são um reflexo da situação geral da fábrica, que está praticamente a morrer aos poucos! No que respeita à situação financeira, a fábrica tem um capital social, que nem se quer está totalmente realizado, de 30 mil contos, e tem investimentos de 148 mil contos. Tem, portanto, grandes encargos financeiros. Tem que pagar juros à banca relativos a esses empréstimos, inclusivé aos fornecedores das matérias primas. Nesta situação, a fábrica fica praticamente na falência.

No aspecto económico, a produção baixou incrivelmente, não só porque o mercado de consumo ficou bastante reduzido como devido à nossa situação económica nacional, que não nos permitia, de maneira nenhuma, continuar a importar as latas de embalagem. Essa importação custava, em divisas estrangeiras, na altura, dois mil e quinhentos contos por mês. Nós não temos condições para pagar isso, não se podia realmente continuar a fazê-lo.

Porquê envasilhar a cerveja em latas, se se sabia que desse modo o custo era mais elevado?

A fábrica nasceu em tempo da guerra. Essa a explicação que se dá para a utilização das latas.

de exploração da fábrica, como, inclusivé, nos beneficiava no aspecto de transferência de divisas, porque as garrafas eram compradas de uma única vez. Por outro lado, como a garrafa tem um coeficiente de utilização relativamente elevado, nós, aqui, podemos utilizar a mesma garrafa de 20 a 25 vezes. Mas o problema não se põe só de deixar de comprar as latas, para se comprar as garrafas, porque estas depois de utilizadas precisam de ser lavadas, para ficarem em condições higiénicas para nova utilização. De maneira que, para além da compra das garrafas propriamente ditas, era preciso comprar uma máquina de lavar as garrafas. Aí é que o problema reside, porque, isso exige um investimento na ordem de 20 mil contos em divisas estrangeiras.

Neste aspecto, o problema es-

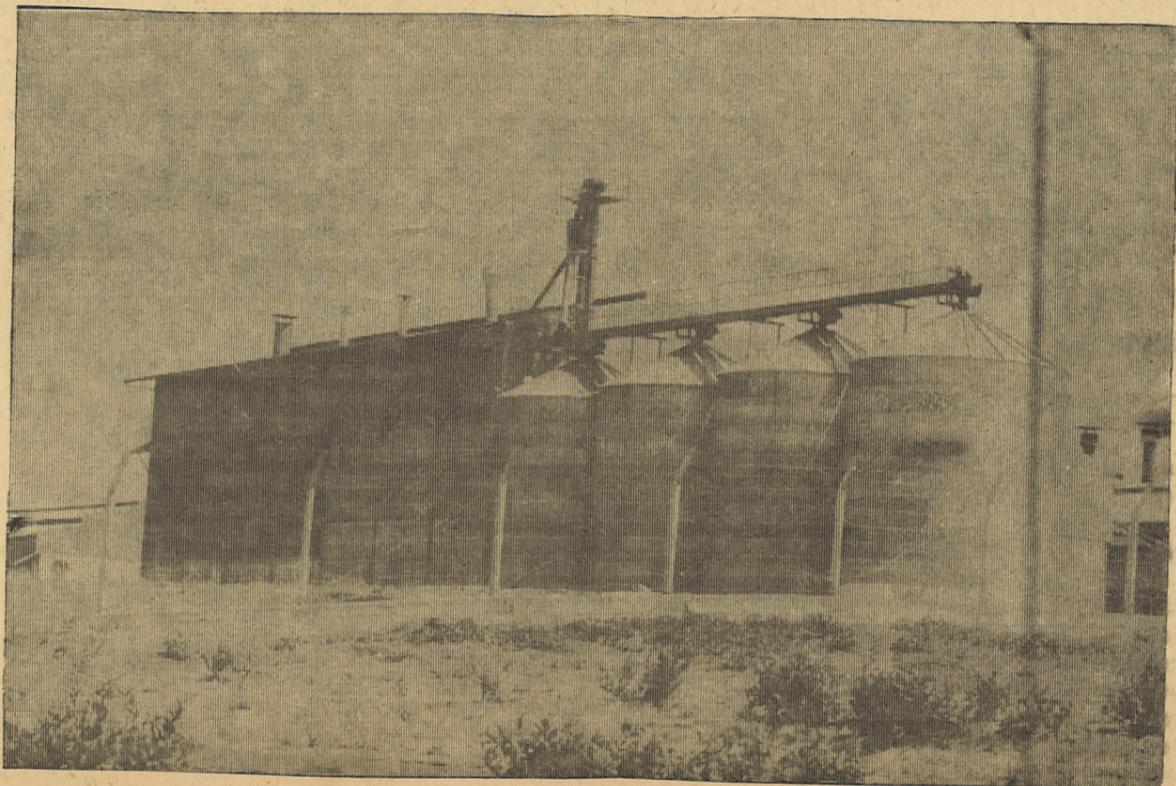
vesse, estou convencido que a produção podia subir um pouco mais. De qualquer maneira, estão encomendados e devem estar a chegar.

Enquanto não se conseguir um investimento total para a compra da máquina de lavar garrafas e do próprio parque de garrafas, vamos incrementar a venda de cerveja em barris. Não temos possibilidade de proceder de outro modo, pois é um problema nacional, que faz parte das dificuldades que estamos a atravessar em todos os domínios. É muito importante, que as pessoas entendam que esta fábrica não está isolada das realidades da nossa terra e, portanto, vive exactamente com as mesmas dificuldades.

Assim, não foi só devido aos problemas bancários que nós cortámos a importação de latas,

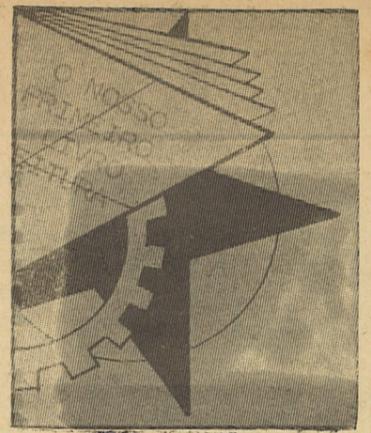
maneira nenhuma em quantidade e qualidade suficiente para garantir um aumento de produção. Temos muita falta de quadros que infelizmente não podemos meter nesta altura, porque a fábrica está a cair.

Para além disso, já há estudos feitos quanto à rentabilidade da fábrica, concluindo-se que um investimento que tem hipótese de sanear definitivamente os problemas da fábrica, pode resumir-se em três modalidades: a participação do Governo da Guiné-Bissau, o que já está previsto na constituição da empresa, para estabilizar a situação financeira; aumento da produção utilizando garrafas; e exportação, pois o nosso mercado interno neste momento consome à volta de três milhões de litros por ano e o mercado de Cabo Verde, que é sensivelmente igual e além do



ANO I DE ORGANIZAÇÃO

PÁGINA SEMANAL DO COMISSARIADO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA



«A nossa cultura nova, temos que pô-la ao serviço da nossa resistência, ao serviço do cumprimento do Programa do Partido. A nossa cultura deve desenvolver-se ao nível nacional, da nossa terra. Mas sem desprezar nem considerar menos, a cultura dos outros, e com inteligência aproveitando a cultura dos outros, tudo quanto é bom para nós, tudo quanto pode ser adaptado às nossas condições.

A nossa cultura deve desenvolver-se numa base de ciência, deve ser científica».

AMÍLCAR CABRAL

A PRIMEIRA CARTA CULTURAL DA ÁFRICA

(Continuação da nossa última página)

[...] A cultura é uma arma decisiva nas lutas de libertação nacional, no combate incessante contra todas as formas de opressão e na manifestação fundamental da consciência unitária e solidária da edificação de uma África moderna.

Os aspectos negativos culturais de dominação colonial, despersonalizaram a maior parte dos povos africanos, combateram sistematicamente e desacreditaram a nossa história e as nossas línguas, fazendo-as trocar pelas do colonizador, ou favorecendo uma elite alienada, geralmente assimilada e totalmente alheia aos problemas e aos anseios das massas populares.

A Primeira Carta Cultural da África define claramente a importância da cultura no combate de libertação política e social, como um meio seguro de recuperar o atraso científico e técnico dos países africanos, de maneira a que estes possam passar a dominar completamente a natureza e a combater eficazmente a chantagem imperialista.

Esta Primeira Carta Cultural da África é mais uma vitória transcendente dos países africanos e um documento que cobre todos os domínios importantes da tomada de consciência e do

desenvolvimento da cultura do nosso continente.

Além dos aspectos importantes já focados na nossa última página, esta Carta definiu ainda a urgência da edificação de sistemas educacionais que integram os valores africanos de civilização, a promoção das línguas africanas, suportes e veículos das heranças culturais em tudo o que elas têm de autêntico e essencialmente popular, as relações entre o pluralismo cultural e a identidade nacional, os princípios fundamentais que regem todas as políticas culturais nacionais, a democratização da cultura, a necessidade da participação activa da juventude à vida cultural nacional, a utilização dos meios de informação e de comunicação, a formação profissional e a importância do alcance da educação permanente, o papel dos poderes públicos no desenvolvimento cultural que compreende a ajuda, a criação, a protecção das obras do património cultural africano, assim como a cooperação cultural entre todos os Estados africanos, entre si e com os dos outros continentes, de maneira que seja favorecida uma melhor compreensão entre todos os homens, na qual a África poderá fornecer à cultura Universal a sua contribuição original e de finalidade.

A HISTÓRIA DO DESPORTO

A GINÁSTICA

(DESPORTO OLÍMPICO DESDE 1896)

O nome «ginástica» vem do adjectivo grego «gymnos», que quer dizer, exercícios de atletas nus.

Na Grécia antiga, a ginástica não se praticava com um espírito competitivo, mas por razões de saúde, de desenvolvimento do corpo e das suas proporções harmoniosas.

Somente no fim do século XIX é que dois filólogos do des-

porto, o alemão John e o sueco Ling, definiram as regras e os princípios da ginástica desportiva.

No começo da época moderna dos Jogos Olímpicos, a ginástica, que nós confundimos muitas vezes com a educação física, era considerada ainda, mais como uma demonstração artística, que como um verdadeiro desporto.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DO DESENHO

MÉTODOS ACTIVOS

Na vida actual, onde a educação aproveita do antigo o que tem de bom e despreza o que já está ultrapassado, a sociedade tem um papel preponderante na educação da criança.

Os métodos activos serão a preocupação constante do educador, depois de ter verificado a sua acção benéfica e atraente na criança de hoje. Tem como lema a actividade espontânea, pessoal e atraente.

«Só a vida ensina para a vida».

É pois necessário fazer viver a criança no seio do concreto, despertar lentamente a sua sensibilidade para um contacto de todos os instantes com as coisas, fazê-la reagir permanentemente sobre objectos visíveis e palpáveis.

Os métodos activos usados em dia, trazem à criança outros atractivos e interesses.

É a escola que tem que ir à vida, mostrando ao aluno o que lhe fôr possível, recolhendo elementos, observando o mundo da natureza e dos homens.

Quando o aluno, pelas suas próprias mãos, adquire documentos: pedras, gravuras, fotografias, desenhos, artigos de jornal, faz relatos de visitas, etc., vive o estudo e sente-se atraído para ele.

Se os professores pudessem dar as aulas em contacto com os assuntos que dela fazem parte,

os alunos tirariam muito mais proveito.

«As crianças têm necessidade de tocar para ver, de apalpar para sentir». Quem lida com crianças terá reparado que muitas vezes elas põem as mãos nas coisas pela necessidade de sentir, e desta forma os conhecimentos adquiridos, são mais duráveis.

A criança que observa atenta o assunto que está a tratar e tudo o que o rodeia, encontra interesse naquilo que lhe parecia apagado e despercebido.

As modernas ideias do ensino pedocêntrico são já bastante conhecidas, embora infelizmente, na prática, parecem totalmente ignoradas.

Será sempre oportuno salientar as vantagens duma pedagogia que pretende se faça um ensino simultaneamente colectivo e individualizado, visto que o ensino livresco e «magistral» é condenado com razão.

A criança deve livre e espontaneamente apresentar as suas ideias, os seus raciocínios, expor as suas dúvidas, manifestar as suas preferências e interesses. Se as suas dificuldades não forem conhecidas, não serão removidas. São muitas as maneiras de as revelar. A expressão oral e escrita são as mais vulgares. O desenho é também, por si só, uma forma de expressão sempre subjectiva, quando espontânea.

(CONTINUA)

EDUCAÇÃO SEXUAL

Cabe à escola ou à família a educação sexual?

Segundo o nosso ponto de vista, a educação sexual deve partir da família. No entanto o professor, pela condição de educador, possui parcela de cooperação e de responsabilidade. Seria absurdo negar ao professor as oportunidades de esclarecimento, que surgem em situações normais de classe.

Mas, pela própria natureza do problema, a orientação dada à criança deve estar, sempre que possível, de acordo com a orientação da família. O entrosamento professor-pais é importante, para que a criança não receba respostas ou orientações diferentes, que possam vir a confundir-lá.

A curiosidade sexual da criança representa apenas um aspecto natural do desenvolvimento. O despertar para si próprio e para

o mundo que a rodeia leva a indagações constantes sobre os acontecimentos e, porque não, sobre a sexualidade.

A dificuldade encontra-se no próprio adulto e é por isso que, frequentemente, a criança adopta duas atitudes diferentes: uma para a curiosidade geral e outra para a curiosidade sexual.

Um dos factores mais importantes na aceitação das perguntas infantis é a própria aceitação que temos da nossa sexualidade. O adulto a ela integrado, de maneira correcta e emocionalmente equilibrado não se confunde, ao deparar com as perguntas infantis, por mais estranhas que pareçam. Ele sabe conduzir a criança, através das diferentes fases, esclarecendo e orientando com a naturalidade que o assunto requer.

(CONTINUA)

CONTOS E LENDAS DA NOSSA TERRA

A LEBRE E O GALO (NEM TODAS AS VERDADES DEVEM DIZER-SE)

— Bom dia, amigo galo!
— Bom dia, amiga lebre!

Era sempre de longe, que a lebre saudava o galo a quem muito respeitava e temia por causa da sua crista que o rendia senhoril e invencível.

Mas nesse dia, o galo convidou a lebre a aproximar-se dele.

— Não, amigo galo, eu tenho muito medo dessa coisa que tu usas sobre a cabeça, se eu me aproximo, não terei nem mais um minuto de vida!

— Não digas isso, amiga lebre! Eu não sou essa fera que tu pensas. Este meu adorno de que a Natureza me dotou, não serve mais do que valorizar a minha beleza, e não para fazer mal aos outros. Não tenhas medo de mim, vem cá e fazemos para sempre amigos!

— Eu tenho muito medo de ti, amigo galo! Tu cantas todas as manhãs, para acordares toda a gente da nossa tabanca, mas também cantas para chamar a morte. Se não tivesses essa coisa vermelha na cabeça, eu não teria medo, porque sem isso tu serias igual a todos os outros animais.

O galo descobriu-se para provar que a sua crista inofensiva nunca tinha feito mal a ninguém.

A lebre que não esperava melhor ocasião, aproximou-se do galo com toda a sua grande manha. Aproximou-se depois ainda mais e viu que afinal o galo não era um ser extraordinário como ela pensava. Saltou sobre ele, matou-o e levou-o para o fundo do mato para o comer.

Os homens grandes da nossa terra, dizem sempre que contam esta lenda, que nem todas as verdades se devem contar. Tirar a crista em frente da lebre, foi o que fez com que o galo se traísse a si mesmo.

Angola na Organização Internacional do Café

LONDRES (AFP) — Angola pediu para ser membro de pleno direito da Organização Internacional do Café, soube-se na terça-feira, em Londres, de fonte diplomática.

O pedido deve ser examinado pelo Comité Executivo da Organização Internacional do Café, que tem sede na capital britânica.

O Comité dará o seu parecer ao Conselho da Organização, que tomará posteriormente a decisão final.

Sekou Touré: apelo à África para uma ajuda a Moçambique

DAKAR (AFP) — Sekou Touré, Presidente da República da Guiné, lançou um apelo a todos os estados africanos para que dêem uma ajuda militar, diplomática, material e financeira a Moçambique a seguir aos ataques armados da Rodésia contra este país.

«Todos os países de África, declarou num apelo à África», difundido pela Rádio Conakry, capital em Dakar, devem imediatamente, e com determinação, colocar à disposição de Moçambique agredido, os meios para se defender da injúria feita à África e à comunidade internacional, pelas autoridades rodésianas».

«Antes que Moçambique seja obrigado a solicitar, prioritariamente, uma ajuda militar aos estados não-africanos, deve poder contar com a solidariedade e apoio militar dos estados irmãos da África», acrescentou Sekou Touré.

O chefe de estado guineense pediu, finalmente aos países africanos para demonstrarem por actos concretos, imediatos e eficazes que podem, e devem, assumir a sua missão de libertação do seu continente, da dominação estrangeira» e sublinhou que se Moçambique é agredido pela Rodésia, é porque aplica as resoluções da ONU e da Organização da Unidade Africana.

Zimbabwé: ataque de guerrilheiros interrompe ligação ferroviária

MAPUTO (TASS) — Os patriotas do Zimbabwé empreenderam novos ataques contra o regime racista ilegal de Smith, ataques coroados de sucessos. Segundo informações provenientes de Salisbúria, os guerrilheiros dinamitaram a via férrea, que liga a capital rodésia, na a Umtali, grande cidade situada a este do país. No decurso de uma outra operação, foi danificado um troço da via férrea perto da cidade de Plumtree, no sudeste do país. A explosão danificou um ramo de caminho de ferro. A circulação nesta via importante, uma das duas que permitem à Rodésia o acesso ao mar, foi interrompida.

A luta libertadora dos patriotas do Zimbabwé ganha rapidamente amplitude nas diversas regiões do

país. Segundo as autoridades rodésianas, um grave recontro com os guerrilheiros teve lugar nestes últimos dias no sudeste. Os destacamentos punitivos sofreram perdas.

Os recontros tornam-se também cada vez mais frequentes próximo de Salisbúria. Os patriotas abriram fogo de morteiro sobre a cidade de Sentineri (a norte da capital) cabeça de comarca da região agrícola, habitada por ricos fazendeiros brancos.

KAUNDA ACUSA SMITH

LUSAKA (AFP) — O Presidente Kenneth Kaunda convidou, na segunda-feira, todos os zambianos a estarem vigilantes em relação aos contra-revolucionários que ele acusa o primeiro-ministro rodésiano, Ian Smith, de querer enviar à Zâmbia para semear a desordem.

Para fazer face a esta «nova ameaça», o governo zambiano tem necessidade de toda a população e não só de alguns homens de uniforme, declarou o Presidente Kaunda, que começava uma «tournee» de 16 dias através da província do norte.

O chefe de estado zambiano evocou perante 5 mil pessoas os dois atentados que danificaram no domingo de manhã o Correio Central, o Tribunal de Lusaka. Afirmou, como o tinha feito na véspera, ter provas irrefutáveis da responsabilidade de primeiro-ministro rodésiano.

siano nestes atentados.

Por outro lado, o Congresso Nacional Africano (ANC) da África do Sul, considera que os atentados de Lusaka são «obra de contra-revolucionários e de bandidos que agem por conta dos regimes racistas da Rodésia e da África do Sul e do imperialismo internacional», numa declaração publicada na capital zambiana, por Alfred Nzo, Secretário-Geral do movimento.

ZÂMBIA-ZIMBABWÉ UMA FRENTE UNIDA

LUSAKA (TASS) — As explosões de bombas na estação de correio e na sede do Tribunal Supremo, representam actos de barbuidade e merecem a desaprovacão de todo o mundo civilizado, escreve o jornal «Zâmbia Daily Mail» a propósito dos actos de terrorismo cometido na capital zambiana pelos agentes do regime racista de Smith.

As provocações inimigas a Lusaka, observa o jornal, testemunham o pânico dos racistas, que não hesitam frente aos meios para intimidar as forças que lutam contra o regime reaccionário, e para adiar a hora do castigo. A luta do povo do Zimbabwé pela sua libertação do jugo racista ganha amplitude, sublinha o jornal. Não existe no mundo força capaz de resistir a este aumento da cólera popular. Os zambianos formam nesta luta uma frente unida com os patriotas do Zimbabwé.

Namíbia:

As Nações Unidas condenam a África do Sul

NOVA YORK (TASS) — O Comité «ad hoc» das Nações Unidas para a descolonização abordou na segunda-feira o exame da situação na Namíbia. Nas suas intervenções, os delegados condenaram severamente a política da RSA, que visa torpedear as decisões da ONU, sobre a aplicação imediata do princípio da autodeterminação do povo da Namíbia, e denunciaram subterfúgios dos racistas que

querem manter este país sob a sua dominação.

Ao apresentar ao comité o relatório do grupo especial, que esteve em Abril e Maio no sul de África, o delegado da Namíbia, Dunstan Weston Kamana, declarou: as autoridades da RSA desafiam deliberadamente a comunidade mundial ao recusarem-se a aplicar a declaração sobre a concessão da independência aos países e povos coloniais. A ONU deve restar a sua contribuição da Namíbia, aliás disse, dar a sua ajuda em todos os domínios ao seu povo, que leva a cabo, sob a direcção da organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO), a luta contra os racistas sul-africanos.

Michake Mouyongo, vice-presidente da SWAPO, falou da repressão cruel que se abate sobre o seu país. Os direitos fundamentais do homem e as liberdades não existem, actualmente, na Namíbia, para 9 cidadãos em cada 10. As prisões e torturas para a opinião pública tornaram-se uma prática corrente, indicou.

O delegado da Jugoslávia, Yakcha Petric, observou que a RSA se obstina em ocupar a Namíbia, porque sente apoio de certas potências ocidentais e que procura com o seu apoio entrar, actualmente, no clube das potências nucleares. A prática e as intenções belicistas dos racistas metem em perigo a paz e a segurança no sul de África.

SAMORA MACHEL: «O IMPERIALISMO FOI OBRIGADO A RECUAR»

BRAZZAVILLE (AFP) — «A África encontra-se numa luta permanente e, no processo desta luta, há mudanças que se operam», declarou o Presidente Samora Machel de Moçambique, numa entrevista que concedeu à Imprensa Congoleza, durante uma escala técnica efectuada na segunda-feira, em Brazzaville, anunciou na terça-feira a ACI (Agência Congoleza de Informação).

O chefe de estado moçambicano acrescentou que o imperialismo foi obrigado a recuar devido ao avanço impetuoso das forças revolucionárias».

Ao falar sobre a luta da Rodésia, o Presidente Samora Machel explicou que o «seu país é uma vanguarda segura do povo do Zimbabwé em luta», declarou, além disso que «a libertação não se vende» e que o «seu país está disposto a todos os sacrifícios».

Foi igualmente apreciada pelo Presidente moçambicano, a ajuda concedida pela comunidade internacional a Moçambique, depois da sua decisão em fechar a fronteira com a Rodésia.

África do Sul

Polícia racista massacra estudantes africanos

JOANESBURGO (AFP) — Os incidentes de Soweto entre estudantes africanos e policiais são os mais graves registados na África do Sul desde a fusilada de Carltonville, em Setembro de 1973, e o massacre de Sharpeville, em Março de 1960.

Segundo um balanço provisório, seis pessoas teriam até o momento sido mortas durante os confrontos. Há dois anos e meio, a polícia tinha disparado sobre mineiros africanos que reclamavam um aumento de salários na mina de ouro de Carltonville. Onze de entre eles foram assassinados.

Em 1960, 69 manifestantes negros que protestavam contra o sistema de «pass» (passaporte internos para os africanos) foram assassinados pela polícia em Sharpeville, no Transval.

Um conselheiro municipal de Soweto, Leo Hazaasala, já tinha lançado um aviso ao governo no início da semana passada. Se não se decide imediatamente a cessação do ensino na língua «afrikaans» em Soweto, produzirá-se a um novo Sharpeville, disse ele.

Tudo tinha começado no mês passado com uma directiva do departamento de Edu-

cação bantu, obrigando as escolas secundárias a efectuar metade do seu ensino em «afrikaans».

Os incidentes produziram-se então e depois multiplicaram-se com a boicotagem de sete escolas de Soweto por mais de 2000 alunos e a ameaça de expulsão dos «grevistas» pelos responsáveis da educação.

Em 17 de Maio, o gabinete de um director da escola tinha sido atacado à pedrada. Incidentes similares reproduziram-se em 4 de Junho nos outros estabelecimentos escolares.

COMUNICADO DA POLISÁRIO

ARGEL (AFP) — Habib Allah, porta-voz da Frente POLISÁRIO, declarou na terça-feira, que prosseguem os combates entre os guerrilheiros saharianos e as tropas mauritanianas, ao norte da Mauritânia, e que não se encontrava à altura de confirmar ou desmentir a morte do Secretário-Geral do movimento sahariano, Sayed El Ouali e do seu adjunto, V. Laroussi, cuja morte foi anunciada pelas autoridades mauritanianas, devido ao prosseguimento dos combates em várias frentes do norte da Mauritânia, e à existência de longas distâncias entre os diversos «campos de batalha» da região. Deixou entretanto, claramente entender que qualquer que seja a sorte do Secretário-Geral da POLISÁRIO e do seu adjunto, «a luta do povo sahariano prosseguirá contra os invasores» e que «o dossier do Sahara não será fechado enquanto não for estabelecida a soberania do nosso território».

ETEKI EM KAMPALA

ADDIS-ABEBA (AFP) — William Eteki Mboumoua, Secretário-Geral da Organização da Unidade Africana, deixou na terça-feira Addis-Ababa para Kampala, anunciou a agência etíope de informação, ENA. Durante a sua estadia na capital ugandesa, Eteki deve ter conversações com o marechal Idi Amin Dada, Presidente em exercício da OUA, antes da cimeira desta Organização que se deve reunir em Porto Luis (Ilha Maurícia) no princípio do mês de Julho.

TODOR JIVKOV REELEITO NA BULGÁRIA

SOFIA (AFP) — O Primeiro Secretário do PC búlgaro, Todor Jivkov, foi reeleito, na terça-feira por unanimidade, Presidente do Conselho de Estado (Chefe de Estado), pela 7.ª Assembleia Nacional, no final das eleições de 3 de Maio último. O parlamento búlgaro, cuja primeira sessão começou na terça-feira, reelegeu, igualmente, Stanko Todorov para a presidência do Conselho de ministros.

RATSIRAKA DEIXOU A CHINA

PEQUIM (AFP) — O Presidente Didier Ratsiraka de Madagascar deixou Pequim na quinta-feira à noite, no termo de uma visita oficial de 5 dias à China Popular, a primeira feita por um chefe de estado malgache. O Presidente Ratsiraka foi saudado à sua partida, no aeroporto de Pequim, pelo primeiro-ministro chinês, Hua Kuo-Feng. Durante a sua estadia em Pequim, teve três sessões de conversações com o primeiro-ministro Hua Kuo-Feng. Este, durante um banquete na segunda-feira, classificou de «muito satisfatório» os resultados da visita a Pequim do Presidente malgache, indicando que as suas conversações com Ratsiraka tinham sido «sinceras e amigáveis» e tinham incidido sobre «problemas internacionais de interesse comum» assim como sobre «o desenvolvimento das relações amigáveis de cooperação entre os dois países».

RELAÇÕES CHINA-PORTUGAL

LISBOA (AFP) — O Partido Comunista chinês convidou representantes do Partido Socialista e do Partido Popular Democrático português a visitarem a China a partir de 12 de Julho, anunciou o jornal diário «O Século». O Partido Socialista será representado por Raul Rego e Álvaro Guerra, e o PPD por Pedro Roseta e Alfredo de Sousa. A delegação compreenderá igualmente elementos do Partido Comunista Português marxista-leninista (PCP-ML) que, segundo «O Século» transmitiu o convite do PC chinês. O jornal considera que esta visita poderá servir para preparar o estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e Portugal, depois das eleições presidenciais e da formação do governo português.

TRABALHADORES AFRICANOS NA CONFERÊNCIA DO EMPREGO

GENEVA (TASS) — A classe operária africana exige a garantia de pleno emprego, a supressão de desemprego e uma justa repartição das receitas, a igualdade de todos os trabalhadores sem nenhuma discriminação de sexo, raça e cor da pele. Esta declaração foi feita por Dennis Akumu, Secretário-Geral da Organização da Unidade Sindical Africana (OUSA), perante os jornalistas, por ocasião da Conferência Mundial da OIT sobre o emprego, que se desenrola em Genebra.

Os trabalhadores africanos levam a cabo uma luta implacável contra o «apartheid» em vigor na RSA, protestam contra a colisão dos racistas sul-africanos e os sionistas israelitas visando oprimir os povos africanos e árabes acrescentou.

O grupo dos trabalhadores africanos na conferência mundial sobre o Emprego, exprimiu a sua indignação pelo facto dos países da NATO oferecerem a tecnologia nuclear aos racistas da RSA. A mensagem enviada em nome do grupo africano ao governo francês afirma que a África opõe-se energicamente à entrega de armas nucleares à RSA e denuncia a transacção, a propósito da construção de uma central atómica na RSA, fez saber o Secretário-Geral da OUSA.

Dennis Akumu declarou que os sindicatos africanos convidaram a Organização Internacional do Trabalho a organizar em 1977, uma nova conferência sindical internacional contra o «apartheid», que trará novas medidas com vista a suprimir definitivamente a opressão racial.

LÍBANO

A O.L.P. pede auxílio humanitário internacional

GENEVA (AFP) — O observador permanente em Genebra da O.L.P., anunciou na passada terça-feira que tinha lançado um «apelo urgente» às organizações internacionais em favor das «populações civis libanesas e palestinas».

Ele indicou que as populações estavam «cortadas de todo o abastecimento em medicamentos e alimentos nas zonas cercadas pelo exército sírio de invasão» e que elas tinham «necessidades urgentes».

Este apelo foi lançado, precisou a O.L.P., ao Comité Internacional da Cruz-Vermelha e ao Alto Comissariado da ONU para os Refugiados, em Genebra, a F.A.O. em Roma, a U.N.I.C.E.F. em Nova York, e a «Terra dos Homens» em Lausane.

ARAFAT-KHALED

RYAD — O rei Khaled da Arábia Saudita recebeu na passada quinta-feira ao meio-dia Yasser Arafat, Presidente do Comité Executivo da O.L.P., na presença do emir Fahd Ibn Abdel Aziz, príncipe herdeiro e Vice-Presidente do Conselho saudita.

MERCENÁRIOS PERANTE O POVO ANGOLANO DENUNCIADOS ALGUNS DOS CRIMES COMETIDOS

LUANDA (TASS) — O processo de um grupo de mercenários estrangeiros, que tinha tomado parte na intervenção imperialista em Angola, prossegue na capital angolana. Os membros do Tribunal Revolucionário Popular ouviram os depoimentos de todos os acusados. Há a salientar a declaração que foi feita por Gustavo Marcello Grillo, cidadão americano, antigo fuzileiro da marinha americana, que tinha tomado parte na guerra do Vietname. Ele condenou severamente o sistema social e político dos Estados Unidos que «engendra» mercenários, enquanto um fenómeno de delinquência internacional. «Ao regressar aos Estados Unidos, depois da guerra do Vietname, não pude encontrar durante longo tempo emprego. A seguir, comecei a cooperar com a Mafia. É muito simples tornar-se mercenário nos Estados Unidos. Basta ver uma emissão de um programa da televisão americana exaltando as «façanhas» dos mercenários, discar um número certo de telefone, para que todas as formalidades sejam cumpridas».

Todos os acusados, excepção feita a Callan, «cofone» britânico que confessou, perante factos irrefutáveis, os crimes cometidos, procuram fazer passar a sua presença em Angola por um fenómeno fortuito. Afirmando não ter tido tempo de cometer crimes contra o povo angolano, de não saber onde se encontravam.

O Tribunal começou a ouvir os depoimentos das testemunhas de

acusação. Fernandes Barros, chateleur de profissão, residente em São Salvador do Congo, declarou ter visto os mercenários incendiarem aldeias inteiras e matarem os habitantes.

AS TESTEMUNHAS

LUANDA (AFP) — Mais de 70 civis, militares do Movimento de Libertação de Angola (MPLA) teriam sido massacrados, em Janeiro último pelas tropas da FNLA, dirigidas por mercenários, próximo de São Salvador (norte de Angola), segundo uma das testemunhas do processo de Luanda, José Alfonso Carlos.

Carlos, que foi ouvido na terça-feira como testemunha de acusação no processo dos 13 mercenários julgados em Luanda, declarou que na cidade de São Salvador, 72 ou 73 militantes do MPLA que estavam encarcerados tinham sido tirados da prisão por tropas da FNLA, dirigidas, disse por mercenários, e transportados a bordo de um camião para perto do rio Luanda a 16 quilómetros da cidade. Carlos afirmou que tinha visto os camións regressarem vazios.

Uma outra testemunha, Alfonso Moisés, de Maquela do Zombo, (localidade da região norte, que era controlada pelos mercenários) declarou que Mckenzie tinha abatido dois soldados da FNLA (ao lado dos quais os mercenários se batiam). Moisés, que é um antigo sargento das tropas da FNLA, donde desertou, não pôde fornecer explicações deste acto.

As declarações de Moisés pareceram confirmadas, em parte, pelo testemunho de Garcia, de Quibokolo, localidade próxima de Maquela do Zombo, que declarou ter ouvido dizer, efectivamente, que o

«chefe dos mercenários» tinha morto dois civis em Maquela. Foram ouvidas no total, sete testemunhas, na audiência de terça-feira. Além das declarações de Carlos, Moisés e Garcia, as outras testemunhas indicam principalmente, o estado de medo que os mercenários inspiravam à população civil. As audições prosseguiram na quarta-feira.

Uma das testemunhas, João António, cultivador de Quibokolo, vai tornar-se certamente um homem célebre; ele estaria, de facto na base da prisão de Callan pelas Forças Armadas Angolanas. Segundo João António, Tony Callan, que estava ferido, tinha-se refugiado na sua casa em companhia de Evans, Lawlor e Mckenzie. Consequindo, ao fim de quatro dias, ilustrar a vigilância dos mercenários, João António pôde finalmente escapar e dar o alerta às Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), que progrediam no norte do país.

Uma outra testemunha, Fernandes Baires, afirmou ter visto, a um quilómetro de Maquela do Zombo (localidade controlada por Callan e os seus homens) os corpos de 14 mercenários executados sob ordem de Callan, Baires, que reconheceu formalmente Callan e Gearhart declarou que os mercenários «faziam reinar o terror» em Maquela do Zombo. Callan, disse, passeava sempre, com duas pistolas «como um cow-boy», e as pessoas tinham muito medo dele. Nenhuma revelação de importância foi dada pela audiência destas primeiras testemunhas.

DECLARAÇÕES DE ADVOGADOS BRITÂNICOS

LONDRES (ANOP) — «Nenhum apelo do governo britânico para clemência em nome de qualquer mercenário condenado à morte em Angola terá efeito, se o governo de Londres não demonstrar imediatamente que está a tomar medidas para acabar com o recrutamento de mercenários» — declararam os dois componentes britânicos de uma comissão internacional de inquérito aos mercenários que ontem à noite regressaram de Luanda.

Stephen Sedley e Jack Dromety afirmaram que o governo britânico é grandemente responsável pela situação dos dez réus, detentores de passaporte do Reino Unido, que estão a ser julgados em Luanda, uma vez que nada fez enquanto estavam a ser alistados mercenários para uma guerra que não lhes dizia respeito a eles nem à Grã-Bretanha.

FUTEBOL

LESTE 6, OIO 2

Num encontro realizado a noite passada, no Estádio «Lino Correia», em Bissau, a selecção de futebol do Leste (formada por jogadores de Bafatá e Gabú) derrotou por 6 bolas a 2 a selecção do Oio (com jogadores de Farim, Bissorã e Mansoa).

O espectáculo, que decorreu a maior parte do tempo sob chuva, foi organizado pela subcomissão financeira da Comissão Nacional das Comemorações do XX Aniversário do PAIGC.

ULTIMAS NOTÍCIAS

O F.B.I. ENVOLVIDO COM OS MERCENÁRIOS

LUANDA (AFP) — Gary Martin Acker, 21 anos, americano, um dos treze mercenários julgados em Luanda desde 11 de Junho, foi declarado são de espírito e responsável dos seus actos por dois especialistas em psiquiatria, ouvidos ontem pelo Tribunal Popular Revolucionário.

Estes especialistas, os drs. Ferreira e Neto, foram solicitados a pedido do advogado de Acker, Robert Cessner. O acusado tinha declarado, com efeito, aquando da sua audiência pelo tribunal, que tinha sofrido um tratamento psiquiátrico e tinha tentado suicidar-se.

O resto da sessão foi consagrada à projecção de filmes. Um deles mostra os acusados Grillo, 27 anos, americano, e Acker, declararem perante as câmaras, depois da sua captura, como eles foram recrutados nos Estados Unidos. Estas declarações não trazem quase elementos novos em relação àquelas feitas pelos dois homens durante a audiência pelo tribunal. Acker, no entanto, reconhece nesse filme que ele foi interrogado pelo F.B.I. nos Estados Unidos, depois que ele concedeu uma entrevista à cadeia de televisão N.B.C. a propósito do mercenariado.

ANGOLA ADMITIDA NA O.I. DO CAFÉ

LONDRES (AFP) — O Comité Executivo da OIC (Organização Internacional do Café) decidiu ontem em Londres recomendar ao Conselho da organização que admitisse Angola entre os seus membros.

A decisão do Conselho será tomada por um voto por via postal, antes de 30 de Junho.

BEIRUTE: MORTO O EMBAIXADOR DOS E. U. A.

WASHINGTON (AFP) — O porta-voz do departamento de Estado confirmou ontem em Washington que o embaixador dos Estados Unidos em Beirute, Francis Meloy, e o conselheiro económico americano, Robert Warring, desapareceram desde o fim da manhã de ontem. Os seus corpos crivados de balas foram encontrados à noite.

O porta-voz, Robert Funseht, precisou que os dois diplomatas desapareceram quando se dirigiam de carro para a residência do Presidente eleito Elias Sarkis.

ENCONTRO GISCARD - ASSAD

PARIS (AFP) — As intenções sírias no Líbano serão o centro das conversações na cimeira franco-síria organizadas de 17 a 19 de Junho em Paris, por ocasião da visita oficial à França do Presidente sírio Hafez El Assad.